

CLÁUDIO A. PINHEIRO MACHADO FILHO  
EDUARDO EUGÊNIO SPERS  
FABIO RIBAS CHADDAD  
MARCOS FAVA NEVES

# AGRIBUSINESS EUROPEU



**PIONEIRA**  
ADMINISTRAÇÃO  
E NEGÓCIOS

Professor: Spers

Autor: Machado Filho e Outros, Claudio A Pinheiro

Título: Agribusiness Europeu

Temática: Marketing Internacional

Obs:



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Agribusiness europeu / Cláudio A. Pinheiro Machado  
Filho ... [et al.]. — São Paulo : Pioneira, 1996.  
— (Biblioteca Pioneira de administração e negócios)

Outros autores: Eduardo Eugênio Spers, Fabio Ribas  
Chaddad, Marcos Fava Neves.  
Bibliografia.  
ISBN 85-221-0040-3

1. Agribusiness 2. Agricultura - Aspectos econô-  
micos - Europa I. Machado Filho, Cláudio A. Pinheiro.  
II. Spers, Eduardo Eugênio. III. Chaddad, Fabio Ribas.  
IV. Neves, Marcos Fava. V. Série.

96-2079

CDD-338.1094

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Agribusiness : Europa : Agricultura : Economia  
338.1094
2. Europa : Agribusiness : Agricultura : Economia  
338.1094

CLÁUDIO A. PINHEIRO MACHADO FILHO  
EDUARDO EUGÊNIO SPERS  
FABIO RIBAS CHADDAD  
MARCOS FAVA NEVES

# AGRIBUSINESS EUROPEU

CAPÍTULO 1

# AGRIBUSINESS: A ORIGEM, OS CONCEITOS E TENDÊNCIAS NA EUROPA

*Marcos Fava Neves  
Eduardo Eugênio Spers*

## INTRODUÇÃO

Este capítulo introdutório está inserido neste livro com diversos objetivos. Primeiramente, antes da abordagem dos aspectos comerciais e institucionais do *agribusiness* europeu, cabe explicar a origem do conceito de *agribusiness* e a importância do pensamento sistêmico para a formulação de estratégias.

Em segundo lugar, tem-se em vista mostrar os conceitos de sistemas e cadeias agroindustriais, os pontos em comum e as principais diferenças em sua utilização tanto na Europa (cadeias<sup>1</sup>) como nos EUA (sistemas<sup>2</sup>). Serão também expostas algumas formas de análise e instrumentos para enriquecer o estudo do ambiente competitivo onde se encontram os diversos agentes econômicos do *agribusiness*.

Finalmente, visando demonstrar a importância do *agribusiness* no mundo e particularmente na Europa, algumas dimensões e tendências serão colocadas para introduzir as análises que serão feitas nos capítulos seguintes.

### 1. A ORIGEM DO CONCEITO

De maneira geral, a agricultura até meados do século XX era muito diferente da atual. Nas propriedades, seja nas de *plantation* ou nas de subsistência, fazia-se quase de tudo. Além das atividades de plantio, muitas vezes bastante diversificadas, eram também criados animais de produção e tração, produzidos e adaptados implementos, ferramentas, equipamentos de transporte e insumos básicos, como fertilizantes, sementes e alguns químicos. As roupas, o processamento de alimentos (embutidos, doces, queijos, etc.), o armazenamento e a comercialização também estavam incorporados às fazendas. Era grande o número de pessoas que moravam nas unidades de produção.

Quando se fazia referência ao termo “agricultura”, todas essas atividades estavam inclusas, sendo o termo abrangente o suficiente para todo o setor. Os produtores não eram especializados. Eram versáteis

<sup>1</sup> Da literatura francesa de *filière agro-alimentaire*.

<sup>2</sup> *Agribusiness Systems Approach*, metodologia de estudos do *agribusiness* desenvolvida na Universidade de Harvard.

para entender e executar todo o processo ao nível de especificidade e desenvolvimento tecnológicos dos padrões da época.

Com o processo de modernização, o desenvolvimento dos centros urbanos trazido pela migração populacional do campo para as cidades, a maior velocidade no fluxo das informações e, principalmente, com a tecnologia, que cada vez se tornava mais específica, as atividades de produção de fertilizantes, defensivos, máquinas e implementos, rações e pesquisa saem da alçada das propriedades agrícolas e passam para terceiros, especializados nas empresas do chamado “antes da porteira”.

Da mesma forma, o processamento, a comercialização, a distribuição e o transporte abandonam a alçada dos produtores para serem mais eficientemente realizados por empresas do chamado “após a porteira”.

O que ocorre, então, com as unidades produtivas, o “dentro da porteira”? Estas passam a se especializar e a orientar sua produção para o mercado, para o comércio. A especialização passou a ser elemento cada vez mais importante, buscando sempre as economias de escala, trazendo redução nos custos de produção com vantagens competitivas para os produtores rurais.

Isto significa que o termo agricultura, que abrangia o antes da porteira, o dentro da porteira e o após a porteira, vai ganhando especificidade (e, de certa forma, perdendo importância econômica relativa) com o desmembramento dessas atividades. Hoje, o termo agricultura refere-se às atividades de plantio, condução, colheita e à produção de animais, ou seja, apenas o dentro (ou, conforme alguns, o “durante”) da porteira. Percebe-se quanto de abrangência este termo foi perdendo, ainda mais com as tendências de concentração dos valores agregados no pós-porteira.

**Tabela 1 Dimensões do Agribusiness Mundial (US\$ bilhões) e Participação de Cada Setor (em %)**

Setores/Anos (US\$ bilhões)	1950	2000	2028
Insumos	44 (18)	500 (13)	700 (9)
Produção Agrícola	125 (32)	1115 (15)	1464 (10)
Process. e Distribuição	250 (50)	4000 (72)	8000 (81)

*Fonte: Ray Goldberg, baseado em discussões no USDA.*

Da mesma forma com que o termo perde valor, perde-se também, nas políticas públicas e atividades de ensino e pesquisa, o pensamento

sistêmico, sendo o foco destes concentrado nas atividades de dentro da porteira.

O conceito de *agribusiness*<sup>3</sup> visa dar um nome que, antes de mais nada, recupere, apesar das diferenças nas magnitudes, a importância do termo agricultura de 50 anos atrás. Trata-se da agricultura e dos negócios que esta envolve, desde o antes da porteira até o após a porteira.

Apesar de recente no Brasil, este termo aparece pela primeira vez publicado em 1957, ou seja, há quase 40 anos, na Universidade de Harvard, quando os profs. John Davis e Ray Goldberg realizaram um estudo baseado na matriz insumo-produto e formalizaram o conceito como sendo:

“a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles.”<sup>4</sup>

Analisando esta definição, percebemos que, respeitadas as diferenças tecnológicas, a maioria destas atividades estava incorporada ao termo agricultura descrito anteriormente e que, com a já citada especificidade tecnológica e, conseqüentemente, gerando especialização, saem da alçada do termo ao longo do tempo<sup>5</sup>.

## 2. A ABORDAGEM SISTÊMICA

Já naquela época nos EUA e na década de 80 no Brasil, começava a ganhar grande importância a chamada visão sistêmica, englobando os setores denominados de “antes da porteira”, que são os fornecedores de insumos (máquinas, implementos, defensivos, fertilizantes, sementes, tecnologia, etc.), o setor “dentro da porteira”, com as atividades das unidades produtivas, e o setor “após a porteira”, incluindo o armazenamento, beneficiamento, industrialização, embalagem, distribuição, consumo de produtos alimentares, fibras e produtos energéticos provenientes da biomassa.

A idéia de Davis & Goldberg era a de que os problemas relacionados com o setor agroalimentar eram muito mais complexos que a simples

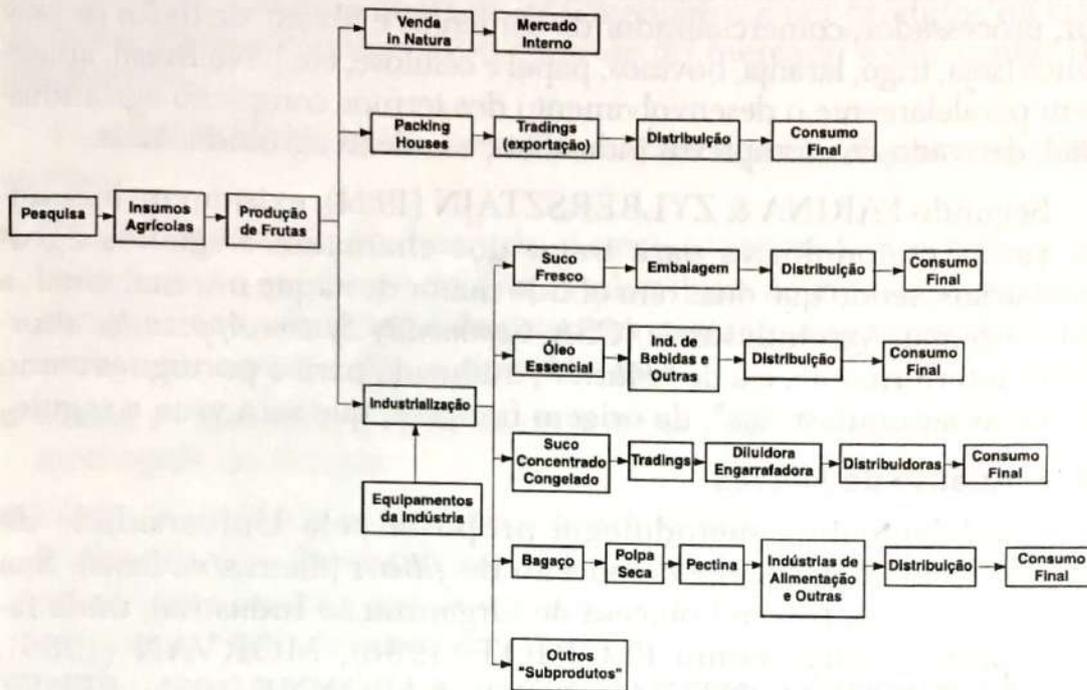
<sup>3</sup> Não há tradução adequada para o português. Ney Bittencourt de Araújo, Ivan Wedekin e Luiz Antônio Pinazza são os principais responsáveis pela massificação do termo no Brasil através do livro “Complexo Agroindustrial: O Agribusiness Brasileiro”, de 1990.

<sup>4</sup> DAVIS, J. & GOLDBERG, R.A., 1957 - “A Concept of Agribusiness”, Universidade de Harvard, 156 p.

<sup>5</sup> Recentemente, visando aumentar a participação das indústrias de alimentos, a IAMA (International Agribusiness Management Association) passa a usar, ao invés de *agribusiness*, o termo *agri-food business* (negócios agro-alimentares), mudando inclusive o “A” original de sua sigla.

Como exemplo segundo o enfoque de CSA, a figura abaixo ilustra o sistema agroindustrial citrícola.

Figura 2 O Sistema Agroindustrial Citrícola



Fonte: Neves (1995).

Estas relações entre os segmentos do sistema se dão num ambiente onde atuam as **organizações** (associações, federações, cooperativas e sistemas de informações, entre outros) e as **instituições** (cultura, tradições, nível educacional, sistema legal, costumes)<sup>6</sup>. Em síntese, pela análise de Harvard, o *agribusiness* é composto por inúmeros sistemas agroindustriais, dos mais diversos produtos de origem vegetal ou animal.

Nesta ótica, os produtores e demais integrantes do sistema, seja das empresas de insumos, processamento ou distribuição, passam a olhar não só os seus clientes/consumidores próximos (os seguintes ou anteriores do sistema, para quem vendem ou de quem compram), mas também os consumidores finais, com suas tendências, o mercado e sua evolução, os produtos derivados do processamento, etc.

A visão sistêmica permite uma compreensão melhor do funcionamento da atividade agropecuária, sendo fator indispensável para que autoridades públicas e agentes econômicos privados, ou seja, os chamados tomadores de decisão tenham possibilidades de formular políticas com precisão, justiça e maior probabilidade de acerto. Esta visão rompe com a análise segmentada, que muitas vezes perde informações importantes sobre o encadeamento das ações (ZYLBERSZTAJN, 1995).

<sup>6</sup> Para maiores informações ler o Capítulo 2.

atividade agropecuária. Daí ser necessário que eles fossem tratados sob um enfoque de *agribusiness*, e não mais no enfoque estático da agricultura.

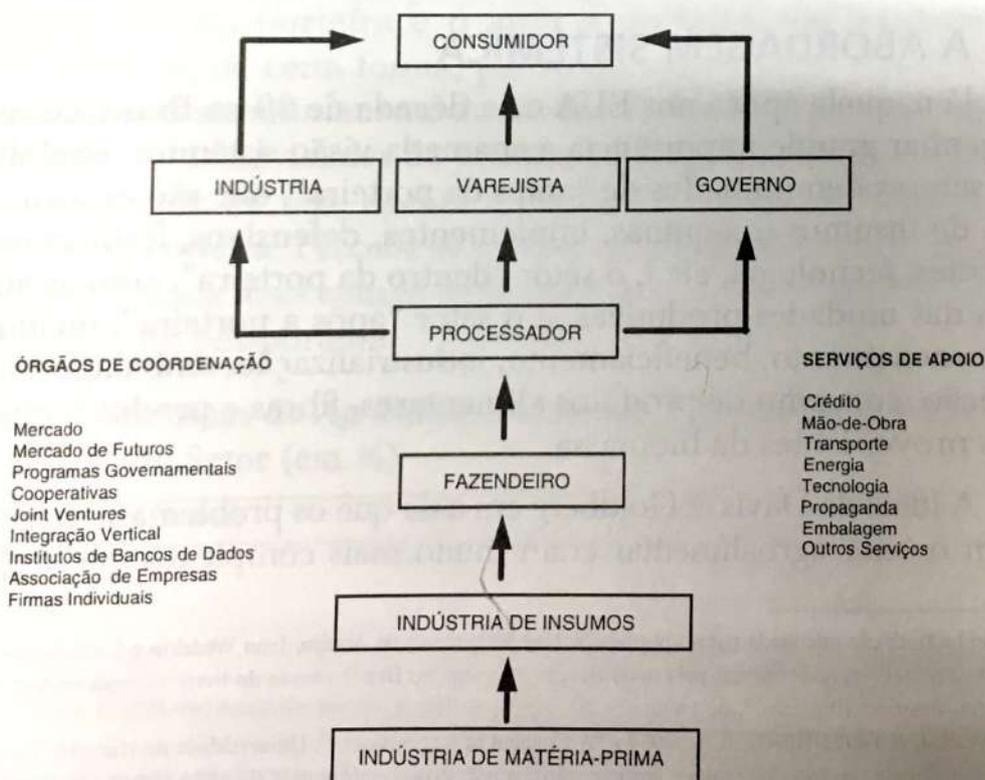
Esta idéia fica mais evidente ainda em 1968, quando o prof. Ray Goldberg publica o seu segundo livro, introduzindo o conceito de sistema agroindustrial e analisando três produtos específicos do *agribusiness* norte-americano: a soja, o trigo e a laranja, dentro da visão sistêmica. Tem grande impacto e sucesso principalmente devido à sua aplicabilidade a aspectos práticos, além da coerência e índice de acerto de suas previsões.

● **Os Sistemas Agroindustriais**

(O Sistema de Commodities – Commodity System Approach – Harvard – 1968)

“são todos os participantes envolvidos na produção, processamento e **marketing de um produto específico**. Inclui o suprimento das fazendas, as fazendas, operações de estocagens, processamento, atacado e varejo envolvidos em um fluxo desde a produção de insumos até o consumidor final. Inclui as instituições que afetam e coordenam os estágios sucessivos do fluxo do produto, tais como Governo, associações e mercados futuros.”

Figura 1 Esquemática de um sistema agroindustrial



Fonte: Adaptado de SHELMAN (1991).

No trabalho de DAVIS & GOLDBERG (1957) e no posterior de GOLDBERG (1968), o conceito de *agribusiness*, colocado na introdução como a soma de todas as operações desde a pesquisa até o consumidor final, tem sentido macroeconômico, envolvendo todos os setores (produtor, processador, comercializador de alimentos e fibras), de todos os produtos (soja, trigo, laranja, bovinos, papel e celulose, etc.). No Brasil, aparecem paralelamente o desenvolvimento dos termos complexo agroindustrial, derivado dos complexos industriais, e cadeias agroindustriais.

Segundo FARINA & ZYLBERSZTAJN (1994), existem na literatura várias metodologias para tratar dos chamados negócios agroindustriais, sendo que duas têm obtido maior destaque internacional: a dos Sistemas Agroindustriais (*CSA-Commodity System Approach*), abordada anteriormente, e a de "*Filières*", traduzida para o português como "cadeias agroindustriais", de origem francesa, que será vista a seguir.

### ● A Análise de *Filières*

Paralelamente à metodologia proposta pela Universidade de Harvard, na França surge o conceito de *filières* (fileiras/cadeias). Sua origem se dá na Escola Francesa de Organização Industrial, onde fazem parte autores como FLORIOT (1986), MORVAN (1985), LAURET (1983), MONTIGAUD (1991) LABONNE (1985), PEREZ (1978), entre outros.

MORVAN (1985) define *filière* como "*uma sequência de operações que conduzem à produção de bens, cuja articulação é amplamente influenciada pelas possibilidades tecnológicas e definida pelas estratégias dos agentes. Estes possuem relações interdependentes e complementares, determinadas pelas forças hierárquicas.*"

De acordo com MONTIGAUD (1991), *filières* são sucessões de atividades ligadas verticalmente, necessárias à produção de um ou mais produtos correlacionados. Há três abordagens possíveis: a cadeia em sua totalidade, o estudo de suas estruturas e relações dentro das cadeias e o comportamento estratégico de firmas. A principal vantagem é que o estudo das cadeias é uma delimitação de um campo de investigação que permite ao observador, em função de sua problemática, realizar um trabalho de análise com as ferramentas que lhe pareçam mais apropriadas.

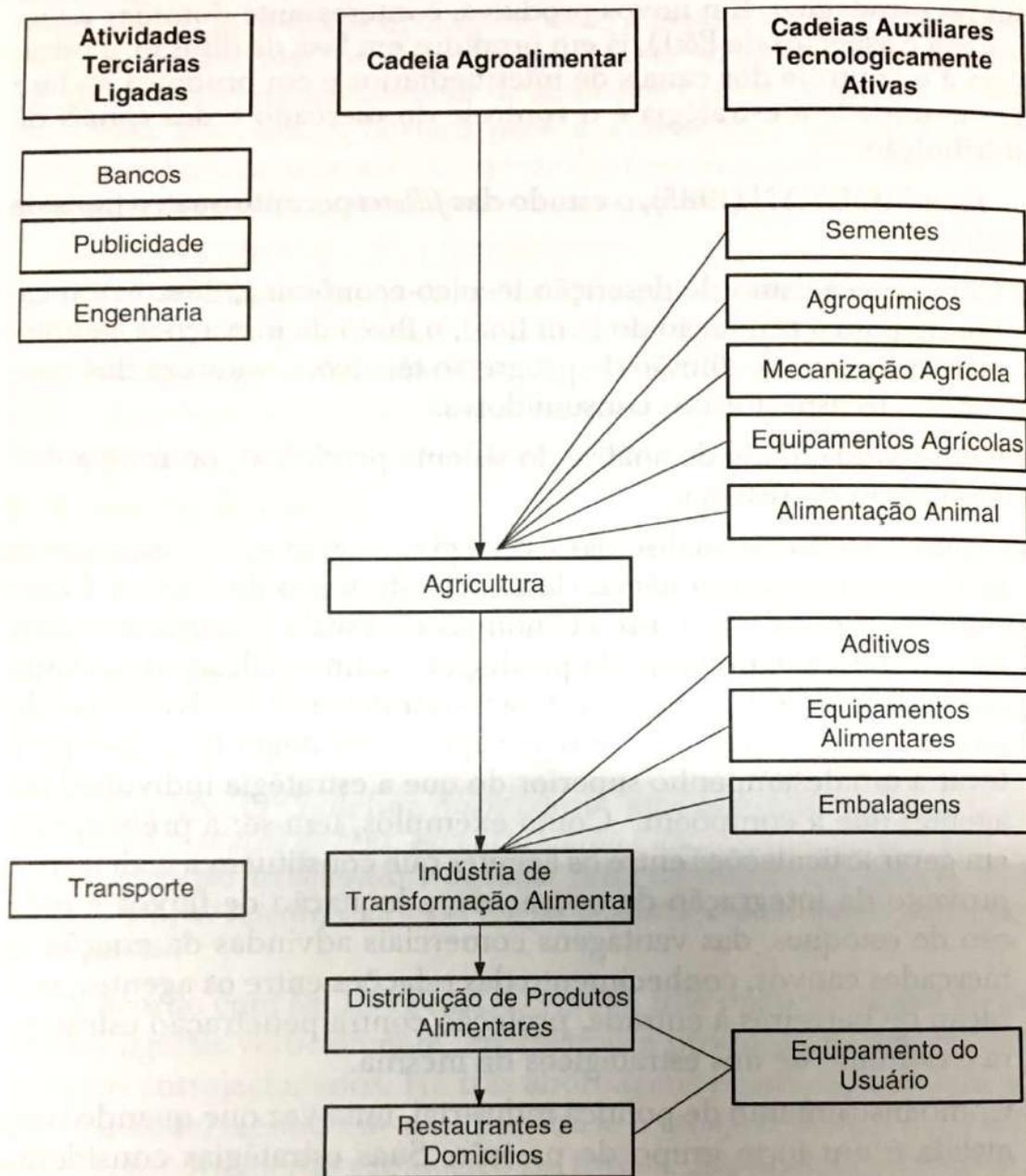
A análise das cadeias permite sua descrição, reconhecer o papel da tecnologia na estruturação das cadeias produtivas, organização de estudos de integração, análise de políticas industriais e de matrizes de insumo-produto e a análise das estratégias das firmas e das associações. Seus limites são definidos a partir da interação com outras cadeias, não sendo facilmente identificáveis.

MORVAN (1985) ressalta que a análise da **coordenação da cadeia** é substancial, sendo que a mesma pode ser exercida a partir de um nó estratégico. Em novos produtos, é interessante dominar a tecnologia e aspectos de P&D, já em produtos em fase de difusão, a estratégia é o controle dos canais de intermediários e em produtos na fase de maturidade a estratégia é o controle do mercado e dos canais de distribuição.

Para MORVAN (1985), o estudo das *filières* permite quatro tipos de análise:

- Como mecanismo de descrição técnico-econômica, descreve o caminho para a produção do bem final, o fluxo de inovações tecnológicas e o ritmo de difusão do progresso técnico, a natureza dos mercados e os aspectos dos consumidores.
- Como modalidade de análise do sistema produtivo, permite a desmontagem do sistema.
- Como método de análise das estratégias, sugere que o sucesso das firmas é função de estratégias clássicas e estratégias de cadeias. Como estratégias clássicas tem-se economias de escala, integrações vertical e horizontal, domínio da produção e comercialização, considerações físicas e diversificação. Como estratégias de cadeias (coordenação), a visão sistêmica apregoa que a estratégia da *filière* pode levar a um desempenho superior do que a estratégia individual dos agentes que a compõem. Como exemplos, tem-se: a preocupação em gerar articulações entre os agentes que constituem a cadeia, tirar proveito da integração de operações, adequação de fluxos e redução de estoques, das vantagens comerciais advindas da criação de mercados cativos, conhecimento das relações entre os agentes, utilização de barreiras à entrada, proteção contra penetração estrangeira e domínio de nós estratégicos da mesma.
- Como instrumento de política industrial, uma vez que quando organizada é um forte grupo de pressão. Suas estratégias consideram impactos a jusante e a montante, enfocando a qualidade e seus desdobramentos a longo prazo, estimulando a articulação entre o Estado, os agentes da cadeia, os agentes externos e as atividades de formação, informação e pesquisa.

**Figura 3 Um exemplo de cadeia agroalimentar**



Fonte: FLORIOT (1995).

### Tipologia de Cadeias Agroindustriais

O esquema ilustrado na Figura 4 é um modelo simplificado que demonstra um sistema linear. Os sistemas ou cadeias são mais complexos, podendo ser convergentes, divergentes, interativos ou, ainda, uma mistura destes (Figura 5).

### ● Principais Diferenças nas Análises de Harvard e *Filières*

Devido muitas vezes à origem marxista de alguns de seus pesquisadores, a análise de *filières* preocupa-se bastante com questões redistributivas, considerando as variáveis do paradigma de organização industrial para explicar o poder de mercado. Conceitos de barreiras à entrada são considerados lado a lado com conceitos de dominância induzidos pelo domínio de nós estratégicos do sistema. Domínio de rotas tecnológicas associado à existência de estruturas legais de proteção intelectual são exemplos de formas de coordenação avaliadas sobre a ótica das *filières* (FARINA & ZYLBERSZTAJN, 1994).

Outra diferença diz respeito ao enfoque da análise. *Filières* consideram três subsistemas: produção (indústrias de insumos, produção agrícola e processamento de alimentos), transferência (sistemas de transportes e de armazenagem) e consumo (análises de demanda, preferências dos consumidores, estudos de *marketing* em geral). Já o enfoque da CSA se dá principalmente no último subsistema, do consumo final, e em maior profundidade destacando o crescente poder de coordenação do consumidor.

### ● Conclusão

O primeiro passo para estudos relacionados aos sistemas/cadeias agroindustriais que desejam ter um enfoque de *agribusiness* é o desenho destes sistemas. Esta etapa é fundamental, pois torna possível visualizar onde especificamente está sendo feito o estudo e obter a visão sistêmica descrita anteriormente, seja ela a de sistemas ou a de cadeias.

Em síntese, apesar das diferenças entre estas duas vertentes, ambas são úteis para enriquecer o conceito de *agribusiness*. O objetivo de colocá-las foi enfatizar o principal ponto: a visão sistêmica da agricultura dentro da moderna visão de *agribusiness*. Como ressaltado anteriormente, não é objetivo discutir profundamente as principais escolas e origem dos conceitos, nem mesmo questões semânticas e polêmicas em teorias ainda não totalmente consolidadas.

Apesar da preferência dos autores deste livro pelo uso do conceito de sistemas agroindustriais, no transcorrer dos capítulos, pelo fato de boa parte da bibliografia ser de origem francesa, o termo cadeia aparecerá freqüentemente. O que importará é ter em mente o esquema da Figura 2.

## 3. DIMENSÕES DO AGRIBUSINESS MUNDIAL E TENDÊNCIAS NA EUROPA

### ● Dimensões no Mundo e na Europa

O *agribusiness* mundial utiliza mais da metade dos ativos mundiais, emprega mais da metade da mão-de-obra e representa metade das despesas totais dos consumidores. Nos EUA, em 1989, o PIB agrícola

foi de US\$ 161 bilhões e o do *agribusiness* foi de US\$ 1,6 trilhão, ou seja, nove US\$ são gerados na economia do *agribusiness* para cada US\$ agrícola (SHELMAN,1991).

Os negócios do *agribusiness* mundial são responsáveis por 16% do PNB mundial (US\$ 23,6 trilhões) e 12% das exportações mundiais totais (US\$ 3,7 trilhões). Num contexto geopolítico, a Europa ocidental responde por cerca de 33% destes negócios, os EUA por 25%, o Japão por 12% e os 30% restantes divididos entre o resto do mundo. A França é o maior exportador de produtos alimentares transformados e os EUA o maior exportador de *commodities* agrícolas.

O mercado de alimentos na Europa é altamente concentrado. Os 100 primeiros grupos alimentares europeus respondem por aproximadamente 320 bilhões de dólares (um valor maior que o PNB da Holanda). Os 23 maiores grupos do Reino Unido respondem por cerca de 108 bilhões e os 24 maiores grupos franceses por aproximadamente 54 bilhões<sup>7</sup>.

As empresas do *agribusiness* não se restringem mais a seu país de origem, mas estão presentes em todos os países do mundo, como pode ser visto pela tabela a seguir.

**Tabela 2 As Maiores Multinacionais do Setor de Alimentos**

Companhia	Total de vendas 1994 (\$bi)	% Vendas em Alimentação	Vendas de Alimentos 1994 (\$ bi)	Mercados Consumidores (%)			Principal Segmento Alimentício (% do Total Vendido)	
				Europa	EUA	Outros		
Nestlé (Suíça)	43,9*	96,40	42,3*	40	22	38	cereais, lácteos e dietéticos	refeições processadas
Philip Morris (EUA)	65,1	55,20	36	30	63	7	bebidas e outros	bebidas e confecções
Unilever (Ingl/Hol)	46,4	52	24,1	53	20	27	bebidas lácteas	bebidas e snacks
PepsiCo (EUA)	28,5	63	18	7	73	20	bebidas	snacks
Coca-Cola (EUA)	16,2	100	16	33	27	40	bebidas	alimentos
Danone (França)	14,4*	92,10	13,3*	93	7	-	lácteos massas	produtos de mercearia
Grand Metropolitan (Ingl)	12,2	85,30	104	31	60	9	bebidas	alimentos
RJR Nabisco (EUA)	15,4	50,10	7,7	11	77	12	alimentos	
Sara Lee (EUA)	15,5	48,70	7,6	29	63	8	bebidas e panificação	bebidas e produtos de mercearia

Fonte: Rabobank, 1995.

<sup>7</sup> Os dados acima são referentes a 1991 e segundo FLORIOT (1995).

Entre os países da União Européia (UE) de maior importância para o *agribusiness* destacam-se a França e o Reino Unido tanto em números de companhias como no total de vendas.

**Tabela 3 Origem e Vendas das 100 Maiores Companhias Européias de Alimentos**

Origem do Capital	Número de Companhias	Total de Vendas (bilhões de US\$)
França	26,0	69,4
Reino Unido (1)	25,0	155,0
Alemanha	12,0	22,1
Holanda	8,0	44,5
Itália	8,0	26,5
Dinamarca	6,0	10,3
Irlanda	5,0	7,8
Suíça	4,0	49,4
Espanha	3,0	4,7
Finlândia	3,0	4,7
Suécia	2,0	3,1
Bélgica	1,0	1,9
Noruega	1,0	1,5
TOTAL (100 maiores)	100,0	350,0

Fonte: RIA. <sup>1</sup> Incluindo Unilever.

● **Tendências na Europa**

Segundo ARCHAMBEAUD e col. (1991), a década de 80 foi um período muito dinâmico para o *agribusiness* europeu, com diversas mudanças na sua estrutura. Estas mudanças devem-se principalmente a dois fatores: o comportamento do consumidor e a tecnologia.

No tocante ao comportamento dos consumidores, as mudanças principais devem-se a aspectos ligados à demografia, economia e estilo de vida. As mudanças demográficas resultaram de redução no tamanho das famílias e menor crescimento da população e envelhecimento. Economicamente, as principais mudanças foram o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho e da renda em geral, ao passo que nos aspectos ligados a estilos de vida, podem-se apontar a emergência de novas estruturas de valor e o aumento do nível educacional.

O novo consumidor europeu é mais exigente, mais preocupado com questões ligadas à saúde, qualidade e segurança dos alimentos, conveniência, entre outros aspectos. Com isto, o mercado ficou mais segmentado e as empresas adotaram estratégias de nicho e diferencia-

ção, lançando continuamente inúmeros produtos, muitas vezes com ciclo de vida bem menor<sup>8</sup>.

Do lado da tecnologia, o grande avanço no aspecto da informação possibilitou e possibilitará um maior controle sobre as informações dos consumidores e agilidade das corporações e, em outros aspectos, equipamentos de maior capital intensivo e com maiores produtividades da mão-de-obra.

O mercado europeu é bastante diversificado, devido a inúmeras diferenças culturais entre os povos, e mesmo quando se considera um mesmo país. As diferentes origens dos povos e seu desenvolvimento dificultam as análises mais generalistas.

Outra grande tendência é a concentração de mercados, através de fusões e aquisições. No entanto, ao mesmo tempo em que ocorre maior concentração, abrem-se espaço e oportunidade para pequenas empresas que atuam em nichos específicos de mercado. A seguir, serão apresentados alguns itens alimentares e o grau de concentração existente nestes mercados.

**Tabela 4 Concentração do Mercado Europeu de Alimentos em 1993, medido pelo market-share dos maiores fornecedores por produto (em %)**

Produtos	Maior Fornecedor	2 Maiores Fornecedores	3 Maiores Fornecedores
Ração animal	55	68	80
Cereais matinais	53	62	70
Sorvetes	45	55	65
Bolachas	25	45	1
Temperos*	23	37	48
Massas	23	39	-
Chocolate	22	44	61
Café torrado e moído	22	35	40
Biscoitos	19	33	38
Refrigerantes	18	26	31
Açúcar	14	27	37
Refeições pré-embaladas	13	26	31
Queijos	4	7	10

Fonte: Seymour Cooke. \* Somente Europa setentrional.

<sup>8</sup> Estas tendências estão melhor desenvolvidas no Capítulo 4.

Um desafio para toda a Europa é, sem dúvida, o controle do desemprego, que tem sérios impactos sobre a agricultura. A manutenção dos agricultores no campo se faz com pesados subsídios, protecionismo<sup>9</sup> e com outras formas de políticas públicas, como a criação de parques que produzem alimentos com selos ambientais e de origem incentivando a permanência do homem no campo.

**Tabela 5 Taxas de Desemprego nos Países da OECD (% da força de trabalho)**

Países	Anos				
	1982-90	1991	1992	1993	1994
	porcentagem da força de trabalho				
EUA	7,10	6,70	7,40	7,00	6,50
Japão	2,50	2,10	2,20	2,50	2,60
França	9,50	9,50	10,20	11,20	12,10
Alemanha	7,40	6,70	7,70	10,10	11,30
Reino Unido	9,70	8,30	10,10	10,70	10,40
Espanha	19,00	16,30	18,40	22,50	22,40
Oceania	7,30	9,70	10,70	10,80	10,60
União Européia	10,20	9,20	10,10	11,60	12,10
<b>Total da OECD</b>	<b>7,60</b>	<b>7,20</b>	<b>7,90</b>	<b>8,50</b>	<b>8,60</b>

Fonte: OECD Economic Outlook.

Se por um lado o processo de modernização da agricultura é um fator irreversível, com a crescente profissionalização e especialização dos agricultores, o aspecto social permanece sem uma resposta definitiva, constituindo-se num dos principais desafios para os países europeus num futuro próximo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo introdutório, os principais objetivos foram de colocar a origem do *agribusiness*, as principais formas de análise sistêmica de produtos (cadeias e sistemas) e algumas dimensões e tendências do *agribusiness* europeu como um todo.

Nos próximos capítulos, quatro temas envolvidos no *agribusiness* europeu foram destacados e serão melhor discutidos: instituições, qualidade, consumo e distribuição.

<sup>9</sup> Ver Capítulo 2.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, N.B.; WEDEKIN, I.; PINAZZA, L.A., 1990. *Complexo Agroindustrial: O Agribusiness Brasileiro*. São Paulo: Agroceres, 238 p.
- ARCHAMBEAUD, J. et. alli. 1991. "Global Agribusiness Systems: Making the Link with Brazil". In: A Field Study for the Harvard Business School, *Agribusiness Management, Spring 1991. Sponsored by Sementes Agroceres*.
- DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. 1957. *A Concept of Agribusiness*. Boston: Harvard University, 135 p.
- FARINA, E.M.M.Q.; ZYLBERSZTAJN, D. 1994. *Competitividade e Organização das Cadeias Agroindustriais. Texto preparado para o IICA*, 62p.
- FEARNE, A. 1994. "Strategic Alliances in the European Food Industries". *European Business Review*, v.94, n.4, pp. 30-36.
- GOLDBERG, R.A. 1968. *Agribusiness Coordination*. Boston: Harvard University, 238 p.
- LAURET, F. 1983. "Sur les Etudes de Filières Agro-Alimentaires". *Revue Economies et Sociétés, Série AG n. 17, Mai. 1983*.
- MONTIGAUD, J.C. 1991. *Les Filières Fruits et Legumes et la Grande Distribution: Methodes D'Analyse et Resultats*. Montpellier: CIHEAM - *Institute Agronomique Mediterranean de Montpellier*, 24 p.
- MORVAN, Y. 1985. *Fondements d'Economie Industrielle*. Paris: Economica, *Collection Gestion, Série Politique Generale, Finance et Marketing*.
- NEVES, M.F. & JANK, M.S. 1994. "Estratégias Empresariais no Agribusiness: Um Referencial Teórico e Exemplos no Mercosul". In: *Anais do XXXII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Brasília, DF, julho de 1994 e Anais do XVII Encontro da ANPAD, Curitiba, PR, setembro de 1994*.
- RABOBANK, 1995. *The International Food Industry: Developments and Strategies*. The Netherlands: Rabobank Food and Agribusiness Research, 75 p.
- ZYLBERSZTAJN, D. 1995. *Economia dos Custos de Transação: Conceitos e Aplicação ao Estudo do Agribusiness. Tese de Livre-Docência apresentada à FEA/USP*, 238 p.